

EDUCAÇÃO MORAL NO *ENCHEIRÍDION* DE EPICTETO

La educación moral en *Epicteto Encheirídon*

Moral education in the *Enchiridion of Epictetus*

Nadir Antonio Pichler*

Resumo: O estoicismo é uma corrente filosófica que tem como objetivo refletir e propor ações, apontando caminhos para a vida boa do homem, sobretudo, por meio de ensinamentos práticos, éticos, via educação moral do homem. Epicteto busca concretizar essa doutrina dos valores da alma na obra *Encheirídon de Epicteto*, compilada pelo seu discípulo Flávio Arriano. Assim, o objetivo deste texto é apresentar algumas máximas morais e educacionais passíveis de contribuir para apontar caminhos da vida boa, da felicidade, contextualizando-as com alguns aspectos da mentalidade da educação consumista atual engendrada pelas instituições, principalmente pela mídia, à luz do conceito de emancipação de Theodor Adorno.

Palavras-chave: Educação moral. *Encheirídon de Epicteto*. Felicidade. Consumo. Emancipação.

Abstract: Stoicism is a philosophical movement whose objective is to reflect and propose actions that indicate ways for the good life of human beings, especially through practical and ethical teachings, via moral education of humankind. Epictetus aims at substantiating this doctrine of the values of soul in his *Enchiridion*, compiled by his disciple Flavius Arrianus. Hence, the present work adduces some moral and educational maxims for possible contributions in indicating ways for the good life, contextualizing them

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na área de Filosofia Medieval. Professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) e docente do Programa de Pós-Graduação do Envelhecimento Humano da UPF. *E-mail:* nadirp@upf.br

according to aspects of the current consumerist education conceived by institutions, primarily the media, in the light of Theodor Adorno's concept of emancipation.

Keywords: Moral education. *Enchiridion of Epictetus*. Happiness. Consumption. Emancipation.

Resumen: El estoicismo es una corriente filosófica que tiene como objetivo reflexionar y proponer acciones, que apunta maneras de la buena vida del hombre, especialmente a través de lecciones prácticas, éticas, a través de la educación moral del hombre. Epicteto intenta utilizar la doctrina de los valores del alma en el trabajo *Encheiridion de Epicteto*, compilado por su discípulo Flavio Arriano. El objetivo de este trabajo es presentar algunas máximas morales y educativos que puedan contribuir a señalar diversos modos la buena vida, la contextualización de ellos con algunos aspectos de la mentalidad de la corriente de la educación consumista generada por las instituciones, en particular los medios de comunicación, a la luz del concepto de emancipación Theodor Adorno.

Palabras clave: Educación moral. *Encheiridion de Epicteto*. La felicidad. El consumo. Emancipación.

Introdução

Epicteto, filósofo grego estoico, nasceu na cidade Hierápólis, na Frígia, atual região da Turquia, em torno do ano de 50 d.C. Morreu possivelmente no ano 138 d.C., em Nicópolis, uma cidade bem desenvolvida, localizada na costa oeste da Grécia Antiga. Ainda criança, foi levado para Roma como escravo a serviço de Epafrodito, secretário do imperador Nero. Por isso, *epiktetos*, transliterado do grego, significa “comprado”, “adquirido”.

Mesmo ainda escravo, começou a frequentar as aulas do mestre Caio Musônio Rufo, filósofo estoico. Depois de sua emancipação, alforriado pelo próprio Epafrodito que era seu dono, dedicou-se à filosofia, especificamente à moral, por meio de palestras e ensinamentos práticos, denominadas de máximas.

Epicteto seguiu e adotou o modelo socrático de filosofar, não deixando obra escrita, apenas dedicando-se ao saber oral, procurando persuadir os ouvintes e alunos pela arte do discurso. Porém, um dos seus alunos, o historiador Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, mais conhecido como Flávio Arriano, baseado em anotações de aula, reuniu seus ensinamentos por escrito no *Diatribes (Discursos)*, uma obra com oito livros, dos quais somente quatro foram preservados pela posteridade e chegaram até nós. Desta, Arriano compilou uma obra intitulada *Encheirídion de Epicteto*, chamado também de *Manual de Epicteto*, sintetizando as máximas filosóficas mais significativas para alcançar uma vida boa e feliz e a paz da alma. Cabe à educação moral concretizar essas máximas de forma gradativa e permanente, porque educar-se é um processo contínuo.

Neste texto, não há pretensão de realizar um estudo introdutório ou geral do *Encheirídion de Epicteto* (EE), nem analisá-lo de forma sistemática, exegética e hermenêutica. Nosso propósito é bem modesto. É apenas parafrasear, analisar e articular algumas máximas morais e educacionais passíveis de contribuir para apontar caminhos da vida boa, contextualizando-as com alguns aspectos da mentalidade da educação consumista atual engendrada pelas instituições, principalmente pela mídia.

Claro que as sentenças do *Encheirídion de Epicteto* não foram escritas em função de uma educação moral. Porém, devido à proximidade com a finalidade educacional, é possível tecer relações entre ética e educação moral.

Para isso, organizamos o texto em quatro momentos. No primeiro, apresentaremos a tese central da educação epistemológica, ética e moral de Epicteto, que é a distinção entre as coisas possíveis e impossíveis de fazer escolha e suas relações com a educação moral; depois, analisaremos as coisas que existem e que estão ao poder da escolha do homem; em terceiro, sobre o desejo e a necessidade da educação moral e as possíveis relações com a teoria da emancipação em Adorno. Por último, ensaiaremos as possíveis relações de diferença de algumas máximas de Epicteto com a educação hiperconsumista do mundo atual.

Eis algumas máximas.

1. Das coisas possíveis e impossíveis de fazer escolha e suas relações com a educação moral

Lúcio Flávio Arriano Xenofonte inicia o EE com a seguinte afirmação: “Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não” (1.1, 2012, p. 15). Ou seja, as coisas existentes são aquelas que pertencem ao ser, ou seja, que fazem parte das leis do cosmos. Essa tese é justificada e explicada pelos estoicos, como sendo coisas que pertencem ao destino, ao determinismo natural, biológico.

Por isso, de um lado, está ao poder de escolha ou ao encargo do homem, o juízo ou o pensamento, o impulso, o desejo ou a vontade de adquirir o que é salutar e de evitar o que é inconveniente, em suma, “tudo quanto seja ação nossa” (EE, 1.1, 2012, p. 15).

Por natureza, as coisas existentes que dependem dos encargos ou do poder do homem são livres, sem entraves, ilimitadas. A *ataraksia*, que é a ausência de sofrimento psíquico e mental, e, sobretudo, a imperturbabilidade, que é a tranquilidade da alma, a paz do espírito, são exemplos de coisas realizáveis pela determinação do agir humano, racional e volitivo. Nesse estágio de educação e progressão moral e cognitiva, é possível alcançar e estabelecer o um reino de liberdade interior, capaz de desfrutar, pela meditação e por analogia, da felicidade eterna e perene, atribuída somente aos deuses.

Por outro, existem coisas impossíveis de se efetuar escolhas e ter poder sobre elas, como o corpo, a propriedade ou as posses, a reputação, os cargos públicos ou importantes, enfim, tudo aquilo que não resulta das ações humanas deliberáveis. Essas coisas, por não estarem aos encargos e incumbências do homem, são débeis, servis, obstrutivas, sujeitas as limitações, totalmente dependentes de fatores extrínsecos.

Estas duas máximas de Epicteto, isto é, aquilo que está e não está sob controle volitivo e racional, são instruções epistemológicas, metodológicas e éticas, que visam orientar o pensar e o agir humano no domínio de si. “E o meio de atingir isso, num mundo caótico e imprevisível, é controlar os próprios pensamentos e desejos, de forma que eventos externos além do seu controle deixam de importar para você” (BONJOUR; BAKER, 2010, p. 718).

Dentre os caminhos da vida boa de Epicteto, um deles se sobressai, tornando-se, assim, o maior de todos: Para ser feliz, é necessário frear e controlar os impulsos e desejos humanos, como querer ser rico, famoso,

ter posses, prestígio, etc. O que importa mesmo na vida não é alcançar o sucesso, nem buscar ao máximo o prazer dos sentidos, como o comer, o beber e relações sexuais, nem mesmo um conjunto de gratificações e realizações subjetivas. O que traz uma realização profunda é constituir uma condição existencial que tem como estrutura a “ausência de reações emocionais dolorosas e angustiantes – a vida boa [que], para Epicteto, é uma vida de paz mental” (BONJOUR; BAKER, 2010, p. 717).

Por isso, Epicteto clama pela prudência e moderação na construção dos projetos de vida engendrados em torno das coisas que estão ao controle do homem. Lembra, que se alguém achar aquilo que é por natureza escravidão ou servil, passível de um ato livre, e as coisas por natureza de outrem como pertencentes a si próprias, “tu te farás entranças [cair numa armadilha], tu te afligirás, tu te inquietarás, censurarás tanto os deuses como os homens” (EE, 1.3, 2012, p. 15). Em contrapartida, continua Epicteto, se uma pessoa se apropria somente do que é seu de modo devido, tendo consciência moral daquilo que pertence ao outro é de outrem, logo, jamais alguém lhe coagirá a fazer algo indevido.

Além do mais, por meio dessa atitude de desprendimento das coisas, do mundo e dos bens contingenciais humanos, uma pessoa consegue viver de forma altaneira. Vivendo dessa forma, enfatiza Epicteto, nenhuma pessoa causar-lhe-á dano e nem obstáculos. Não será necessário censurar alguém, nem acusar. Nem mesmo agir-se-á de forma constrangedora ou ter-se-á inimigos e nem serás convencido ao apego às coisas fúteis e nocivas.

Agindo assim, é necessário abandonar completamente algumas coisas, como o desejo de ser rico e ter cargos significativos, pois a liberdade e a felicidade não provêm destes bens, mas do desprendimento das coisas que não estão ao poder do homem, porque não representam nada à alma.

2. Das coisas que existem e o poder da escolha

A fonte primária da síntese citada por Flávio Arriano das coisas que existem e participam do ser, deliberáveis ou não, no início do EE, é extraída de Laértios (VII, 101-103, 2008, p. 204-205). Assim, os estoicos sustentam que todos os bens são iguais e possuem a mesma natureza, e que todo o bem é desejável no mais alto grau e teor, não sendo possível nem aumentá-lo nem diminuí-lo.

Por isso, há uma imbricação ontológica entre o bem e o ser ou coisa, ou seja, entre lei natural e seguir a natureza e as disposições éticas suscetíveis ou não ao poder de escolha do homem.

Dessa forma, a ética e a educação moral dos estoicos se ocupam essencialmente das coisas que existem, que exprimem ser, existência ou corpos individuais, como vimos acima. Essa visão está ancorada nos cânones da física, da epistemologia. Daí procede o fundamento ontológico dos seus objetos, porque das coisas que existem, algumas são boas, outras são más e outras são nem boas nem más, mas indiferentes. Dessa forma, continua Laértios, quanto ao campo de atuação concernente ao agir humano, algumas coisas são:

- a. Boas: São as formas de excelência, de virtude, onde ao agir humano se expressa pela prudência ou discernimento, pela coragem, pela moderação, pela justiça etc.
- b. Más: São as formas de deficiências ou vícios, denominados de imprudência, injustiça, imoderação etc.
- c. Indiferentes: São todas as coisas ou ações que nem beneficiam e nem prejudicam, como a vida, a saúde, o prazer, a beleza física, a força, a riqueza, a boa reputação, o estado de nobreza de nascimento (condição tão enaltecida pelas elites do mundo grego e romano) e seus contrários. Nestes entram a morte, a doença, o sofrimento, a feiura, a debilidade, a pobreza, a mediocridade, o nascimento humilde e similar, de acordo com as Referências citadas por La-értios, como o livro sete *Do fim supremo* de Hecáton, a *Ética* de Apolodoros e a *Ética* de Crisipo.
- d. Assim, das coisas que existem, umas deus colocou ao poder do homem e outras não:
- e. Coisas que estão ao controle do homem: Nesta dimensão, deus colocou a coisa mais bela e virtuosa, pela qual o próprio deus é feliz, que é o uso das impressões, porque, por meio delas, é possível alcançar uma aprendizagem capaz de gerar deslumbramento, encanto. Assim, usando as impressões de forma correta, alcança-se a liberdade, a serenidade e a confiança, bem como a justiça, a lei, a prudência e a virtude por inteiro. Enfim, a educação moral.
- f. Coisas que não estão ao poder do homem: Todas as outras coisas que não se enquadram na letra a não foram feitas para o controle

do homem. Por isso, faz-se necessário colocar-se de acordo com deus, alcançando o que está ao nosso poder e confiar no cosmos, em suas leis, no destino. Deve-se aceitar aquilo que escapa do poderio humano, cedendo-as de forma alegre, mesmo que seja necessário entregar os filhos, a pátria, o corpo ou quaisquer outras coisas.

3. Sobre o desejo e a necessidade da educação moral e as possíveis relações com a teoria da emancipação em Adorno

Quanto a essa temática, Epicteto recomenda que o propósito ou a natureza do desejo ou da vontade é querer e alcançar o objeto desejado e imaginado. Além disso, a finalidade da repulsa ou aquilo que se evita, é não se deparar e defrontar com o que não é desejável. Assim, quem falha na obtenção do desejo torna-se infortunado, desditoso e infeliz e quem se defronta com aquilo que evita é desafortunado, mal-aventurado.

Por isso, quando uma pessoa se depara com as coisas que estão ao seu poder, somente rejeitando aquelas contrárias à natureza, como a doença e a morte, porque elas não são controláveis e se enquadram nas coisas do destino, então não se “depararás com nenhuma coisa que evitas” (EE, 2.1, 2012, p. 17). Porém, caso alguém rejeita ou não aceita como natural a doença, a morte ou a pobreza ou penúria, torna-se, logicamente, desafortunado ou miserável.

Dessa forma, Epicteto propõe o desprendimento e a abnegação por completo das coisas que fogem ao poder do homem, principalmente quando se quer controlar as leis do destino, como os fenômenos climáticos, a riqueza, os cargos públicos, a morte etc.

Diante disso, Epicteto conclama: “Por ora, suspende por completo o desejo, pois se desejares alguma das coisas que não sejam encargos nossos, necessariamente não serás afortunado” (EE, 2.2, 2012, p. 17). Deve-se, do mesmo modo, remover por completo o desejo de adquirir, pois aquilo que é belo e honrável desejavelmente, como, novamente, querer ser rico ou famoso, porque não se está no patamar das coisas alcançáveis. Quanto a máximo do desejo, há uma exortação final: “Assim, faz uso somente do impulso e do refreamento [origem de algo], sem excesso, com reserva e sem constrangimento” (EE, 2.2, 2012, p. 17).

Em suma, Epicteto propõe a libertação moral da pessoa. Apresentou caminhos para alcançar uma existência bem-sucedida, um avida feliz com qualidades morais e educacionais, com polidez de espírito. Defendia uma educação igualitária para homens e mulheres, mantendo as devidas diferenças de sexo e gênero. Criticava o dogmatismo moral romano e o critério moral do senso comum da sociedade romana, que privilegiava “mais liberdade sexual ao homem do que à mulher no casamento” (EPICTETO, 2000, p. 11).

De forma semelhante, mas num contexto histórico e cultural bem diferente da época de Epicteto, Adorno reflete e propõe a emancipação de pessoas e grupos pelo processo de educação. Quer libertar as pessoas da moral burguesa estruturada em torno da:

- a. Indústria cultural, onde a cultura, principalmente a educação e a arte, virou objeto de troca. O professor, nesse contexto, foi reduzido a um “vendedor de conhecimentos”, fazendo com que a racionalidade estratégica e instrumental do mercado reduza seu intelecto a um “mero valor de troca” (ADORNO, 2003, p. 105).
- b. Do espírito da sociedade burguesa que universalizou à lei da troca, onde a humanidade foi reduzida à categoria de mercadoria, de objeto de uso e valor de mercado.
- c. Da humanidade atemporal, sem memória, como se o passado remoto e distante não existisse.

Tudo isso é resultado dos progressos engendrados da razão instrumental, que opera em termos quantitativos, matemáticos, sem possibilidade de espaços para subjetividades, como a memória histórica. Assim, “a memória, o tempo e a lembrança são liquidadas pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fosse uma espécie de resto irracional” (ADORNO, 2003, p. 33). Esses fatores contribuem para aumentar o vazio existencial e a carência de sentido para a vida.

Assim, para Epicteto, a causa principal da infelicidade, do remorso e da desventura está na ausência de um sólido processo educacional, sobretudo, de educação moral. Dessa forma, acusar os outros pelos seus erros é um sinal de falha na educação. Acusar a si mesmo pelos erros demonstra que a pessoa já começou a se educar. Entretanto, quem conseguiu se educar, “não acusa os outros nem a si próprio” (EE, 5b, 2012, p. 19), porque já é capaz

de assumir uma atitude altaneira, transcendendo às contingências efêmeras do mundo da vida, imergindo na dimensão da tranquilidade da alma, que é o objetivo principal da educação moral.

4. Possíveis relações de diferença de algumas máximas de Epicteto com a educação hiperconsumista do mundo atual

Em relação à teoria dos desejos e impulsos, Epicteto defende a necessidade de suprimi-los ou até de anulá-los por completo, pois são coisas que estão ao poder de escolha do homem. O argumento nevrálgico de Epicteto e dos estoicos, é que os desejos são coisas insaciáveis e irracionais, sendo necessário canalizá-los e balizá-los pelo poder do juízo ou do pensamento, pela educação moral e pelo hábito da virtude, o bem supremo do homem, do sábio.

Esse é mais um dos caminhos da vida boa de Epicteto, bem diferente da vida boa apresentada e legitimada pelas instituições no mundo atual, principalmente pela família, estado, escola, universidade e mídias.

Entretanto, para o mundo capitalista, globalizado e consumista, os princípios, valores e comportamentos são outros e estão estruturados na ordem do ter, das coisas, das mercadorias. As pessoas são pessoas pelo que produzem. Elas são proprietárias de si mesmas e das coisas e valem pelo montante de produção, seja ela de manufaturas ou de serviços que são capazes de produzir.

Para Reale (1996, p. 135), a cultura contemporânea globalizada caracteriza-se, de um lado, pela ausência de um ideal ético, capaz de ser um norte, tanto em termos individuais quanto coletivos. A razão disso é que a civilização perdeu “a consciência de que o significado maior da existência consiste na oportunidade de aperfeiçoamento espiritual que ela proporciona”. De outro, em decorrência disso, quando se perde o sentido da existência, quando a vida estrutura-se somente em seguir as leis heterônomas e compulsórias do mercado voltado para as coisas, para a produção, distribuição e consumo de mercadorias, desemboca-se, naturalmente, na “civilização do orgasmo”. A busca desenfreada pelo sexo torna-se uma fuga da realidade entediante e vazia do homem atual.

Nessa forma de civilização efêmera, continua Reale, busca-se a “sofreguidão [pressa] do gozo incontinente de todos os prazeres que a vida possa proporcionar, tendo o sexo como o centro referencial” (REALE, 1996, p. 135).

A proliferação das gangues juvenis e os retornos à religião, ao sagrado, mesmo fundamentalista, extremista e radical, “revelam, cada um à sua maneira, a crise ética geral em nossa civilização” (MORIN, 2011, p. 29). Assim, a função da ética seria procurar realizar um ato moral de religação com o outro, com uma comunidade, uma sociedade, com a espécie humana, enfim, com o universo. Há um vazio ético que a cidade, a cultura, o costume e os valores atuais não conseguem preencher. Uma das razões desse vazio, continua Morin, é a ausência de religação entre indivíduo, sociedade e espécie humana.

Compulsivamente, é necessário multiplicar e produzir cada vez mais e melhores bens de consumo descartáveis. O resultado disto é a cultura do desperdício, onde se vive para consumir e essa é a única imagem valorizada. Quem pensa e age de forma diferente, torna-se excluído dessa lógica. Quem a segue, sem questioná-la, é alguém convertido ao capital, porque está convencido que o consumo e o apego às coisas é a melhor forma de ser e agir.

Considerações finais

O ideal de progressão e evolução moral educativa e cognitiva dos estoicos, tão enaltecida pelo iluminismo na modernidade, procura contribuir para o desenvolvimento da perfectibilidade humana, da consciência do homem de ser um ser-no-mundo, com-o-mundo e para-o-mundo.

Assim, enquanto Epicteto defende a tese da imersão aos bens da alma como fonte de felicidade, como educação moral e um caminho à vida boa, a lógica do capital instiga as pessoas a consumirem seus produtos e serviços de forma incondicional, como uma espécie de amor ágape.

Por isso, vivemos numa época em que o consumo apresenta-se como o “novo império romano”. Este império é plural, respeita a individualidade e as diferentes crenças e culturas anexadas ou dominadas, mas sempre em vista da essência, ou seja, de mantê-lo intacto, reinante, poderoso, imperturbável. Sua diversidade de produtos ou suas diferentes ideologias convergem sempre para a busca de novos prazeres, de ser um hiperconsumidor, alguém informado dos novos produtos e serviços. Conclama-se, via propagandas, para seguir o caminho da maioria, porque o critério ético de verdadeiro é fazer o que a maioria das pessoas pensa e faz. O que a maioria segue e faz é bom, é considerado parâmetro moral. Enfim, “uma nova modernidade

nasceu: ela coincide com a ‘civilização do desejo’ que foi construída ao longo da segunda metade do século XX” (LIPOVETSKY, 2007, p. 11).

Além do mais, as máximas de Epicteto de conter, suprimir e até anular os desejos excessivos, das coisas que estão ao poder do homem escolher e deliberar, como a compulsão pelo comer, pelo beber, de ter posses, cargos públicos elevados, e, principalmente, o desejo desenfreado pela volúpia, pelo sexo, mesmo sendo princípios difíceis de praticá-los, na lógica do consumo, estão “fora do mercado”. Esses preceitos, que visam à perfectibilidade humana e à tranquilidade da alma, são execrados simplesmente como utopias.

Talvez os preceitos de educação moral de Epicteto sejam quase inatingíveis, mas podem ser usados para estabelecer um parâmetro reflexivo frente às teses de permissividade total dos desejos e vontades da sociedade atual.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

EPICTETO. *O Encheirídion de Epicteto*: Edição Bilingue. Introdução, Tradução e Notas de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/816/721>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

_____. *A arte de viver*: O manual clássico da virtude, felicidade e eficácia. Uma nova interpretação de Sharon Lebell. Tradução de Maria Luiza Newlands. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia*: textos fundamentais comentados. Tradução de André N. Kludat *et al.* Consultoria e revisão técnica de Maria C. S. Rocha e Roberto H. Pich. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumismo. Tradução de Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Tradução de Juremir M. da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REALE, Miguel. *Paradigmas da cultura contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1996.

Data de registro: 21/05/2014

Data de aceite: 16/01/2015